



Director literario:

Albuquerque
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

Juarez Varella
PAPUSSE

Zé Pimenta Malaqueira

Por GERTRUDES PEREIRA



Zé Pimenta Malaqueira,
(Por alcunha o Zabuzana)
Foi comprar um par de meias
A' loja do Zé Banana.



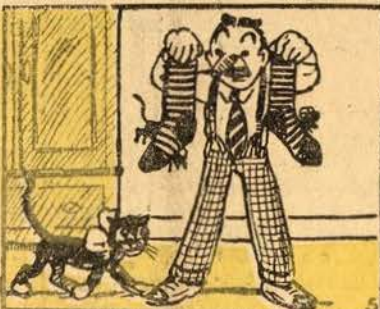
Chegou a casa, foi pô-las
Dentro do seu guarda fato,
Onde nessa tarde entraram
Uma ratinha e um rato.



Deram volta ao guarda fato
A ratinha e o ratinho,
Ratarem o par meias
E delas fizeram ninho.



Sentiam-se já contentes
Por novo ninho arranjar;
Mas Pimenta quer' sair
E vai as meias buscar.



Nisto ao ver que já não tinha
Meias novas p'ra calçar
Pegou nos ratos e deu-os
Ao gato para os papar.



Na sorte destes ratanos
Exemplo vos venho dar;
Pois o que nosso não é
Não devemos estragar.



História de dois bons corações

(AO MEU IRMÃO JAIME E AO ARMANDO)

Por Fernando A. Simões

Desenhos de Eduardo Malta



ARMANDO e Jaime eram dois amigos inseparáveis; ambos alunos numa das escolas da vila, eles eram os dois estudantes mais aplicados da aula.

Armando era um pouco mais velho do que Jaime, pois tinha quasi 10 anos, enquanto que Jaime, havia pouco tempo ainda, fizera 9.

Armando, apesar de ter mais posses do que Jaime, andava sempre triste, ao contrário de Jaime, que levava tudo a brin-

car como se pode ver por esta frase que ele empregava muitas vezes:

— A minha mãe, hoje, não tinha dinheiro, e por isso não me deu de jantar. Mas vocês julgam que eu me ralei? Isso! Dei dois pinos, seis cambalhotas, e a fome passou.

No entanto, apesar da diversidade de génios, eles davam-se muito bem.

Ora o sr. professor certo dia, para verificar quais eram os seus melhores alunos, resolveu fazer um pequeno exame, em tudo parecido com os exames verdadeiros.

Principiaram por uma prova escrita, uma cópia.

Armando e Jaime que estavam sentados na mesma carteira, ao lado um do outro, esforçavam-se por fazer «um trabalhinho aceado».

Ambos tinham letra bonita, e como estavam escrevendo com mil cautelas para não ter erros nem borrões, eles seriam decerto os vencedores.

Mas eis que uma mosca vem pousar tranquilamente no braço direito de Armando.

Jaime viu-a, e aí é que foi o desastre.

Olhou primeiro para ela muito sério, depois sorridente, e por fim conteve a custo uma gargalhada, porque a mosca, passando para baixo e para cima, no braço do seu amigo, que continuava sem a sentir, dava-lhe a impressão de estar passando na Avenida, . . . lá da vila.

Mas pouco a pouco, a lembrança do que estava a fazer, foi-lhe atraindo a atenção para a escrita, mas... e a mosca?

Jaime não tinha coragem para voltar a trabalhar, enquanto ela ali estivesse.

Mas como não queria perder tempo, resolveu-se a enxotá-la.

Assim fez; descuidadamente deu-lhe um safanão. Mas mal o fizera, quedou aterrorizado: com o safanão que lhe dera no braço, o desventurado Armando deixara cair no papel, onde estava fazendo cópia, um horrível borrão do tamanho duma moeda de 10 réis,

Armando, que desta maneira perdera todo o trabalho que havia tido, ficou lívido, e Jaime muito corado, olhava profundamente triste para a cópia do seu amigo, sem saber que desculpa dar.

Mas... o mal não tinha remédio, e como só lhes faltava umas cinco ou seis palavras, Armando e Jaime acabaram as suas provas e foram levá-las ao sr. professor.

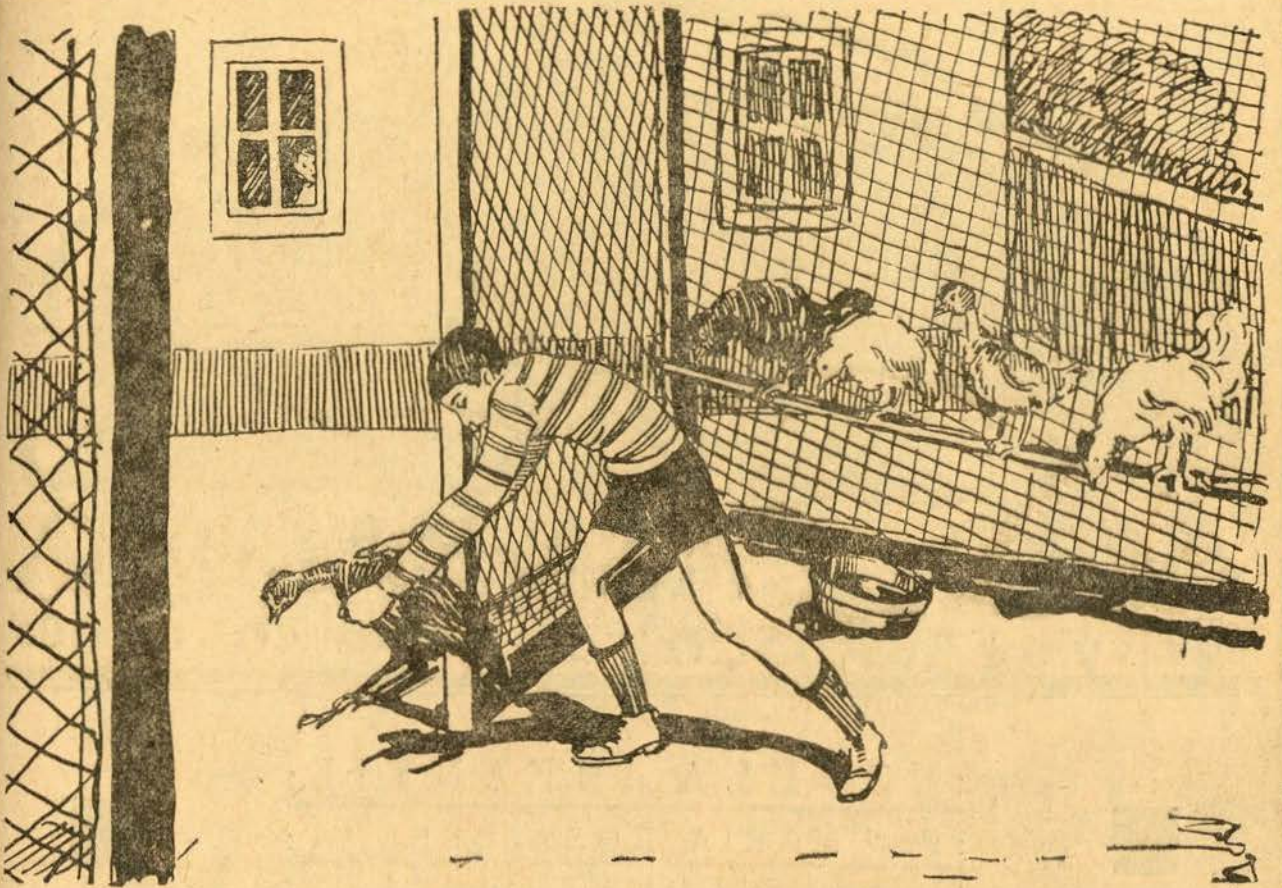


Mas o pior foi quando chegou a hora do recreio; Jaime, que não era de qualidade de se ralar por muito tempo, estava já despreocupado, embora tivesse muita pena do que sucedera ao seu amigo.

Mal saíram, Armando voou, mais do que correu, de punhos erguidos, em direcção ao seu amigo.

Jaime baixou a cabeça, e encostando-se à parede, esperou com filosófica tranquilidade, a sarivada de sócos que o amigo parecia disposto a dar-lhe.

Se Jaime quizesse, poderia evitá-los pois era muito



mais forte do que Armando, mas não queria, pois achava que o amigo, tinha toda a razão em lhe bater.

Mas Armando conteve-se, e limitou-se «apenas» a cuspir-lhe este insulto:

— Tu o que querias era que eu não tivesse uma prova melhor do que a tua, e por isso me fizeste o borrão.

Jaime, que apesar de brinçalhão nem por isso deixava de ter bons sentimentos, sentiu bem fundo esta afronta do seu amigo, mas no entanto respondeu despreocupado:

— Mas se eu te digo que não foi isso.

A mósca é que teve a culpa porque não sei se sabes que...

Mas Armando não queria ouvir explicações; para ele a verdade era só uma e estava tudo dito.

Por isso não deixou Jaime falar.

Este tentou explicar-se outra vez, outra ainda, mas como Armando, ou não o deixava falar, falando mais alto do que ele, ou lhe virava as costas, voltou-se tranqüilamente, pôs as mãos no chão, fez força nos braços, elevou as pernas, e fez um maravilhoso pino, que o melhor palhaço não desdenharia.

Armando olhou para ele tristemente, duas lágrimas lhe chegaram aos olhos, afastou-se... e foi tudo: desde esse dia deixaram de se falar.

No dia seguinte o senhor professor, para que o pequeno exame fosse também uma espécie de concurso, resolveu dar a classificação aos seus alunos, que a esperavam cheios de ansiedade.

Jaime ficou em 1.º lugar e Armando em 5.º. Aquele borrão nem sequer havia permitido que Armando ficasse em 2.º ou 3.º lugar.

Quando Jaime ouviu o seu nome em primeiro lugar, ficou contentíssimo, mas quando viu que Armando ficara em quinto, pensou com tristeza, que, se não fosse ele, talvez Armando ficasse em primeiro e ele em segundo.

Assim pois, o triunfo que obtivera, em vez de alegria, enchia-o de tristeza, pois no seu pensamento era um triunfo ilegal.

Armando também não estava menos triste.

Que havia ele de dizer ao pai, quando este lhe perguntasse qual havia sido o resultado do concurso?!

Embrenhado nêstes tristes pensamentos chegou a casa.

— Então, meu rapaz?! perguntou o pai, com a certeza quasi absoluta de que o filho havia ganho.

Em resposta, duas lágrimas deslisaram silenciosas pelas faces do pequeno.

— Olé! Que é isso, rapaz? Choras?! Isso é de alegria por ganhares o concurso, ou o que é?

— Eu... não ganhei... o con... curso.

— Não ganhaste o concurso? Como é isso arranjado? Então quem ganhou?

Armando encheu-se de coragem, resignado com a tempestade que ia reventar, e respondeu dum fôlego:

— Foi o Jaime. Eu fiquei em quinto lugar!

— Em quinto?! balbuciou o pai aterrado.

E como o filho fizesse sinal que sim com a cabeça, avançou para ele disposto a dar-lhe uma sova.

— Ah marôto!

Mas conteve-se, e disse apenas:

— Pois, então, para castigo, já lhe não dou o dinheiro que lhe tinha prometido para ir à feira, e se no domingo lá quizer ir, vá sem dinheiro.

No domingo seguinte devia estreiar-se na vila, uma feira de saltimbancos, com teatro, «carroussel», fantoches, barracas de jogos e muitas coisas mais.

A rapaziada lá da vila andava entusiasmada; aquilo é que havia de ser uma paródia; haviam de brincar até mais não.

Mas para isso era preciso dinheiro, pois sem dinheiro nada se fazia, e desgraçado daquele que o não tivesse, porque via os outros brincar, e só podia fazer cruces na boca, onde havia de crescer água até fartar.

No sábado seguinte, depois de Armando vir da escola, o pai chamou-o e disse-lhe:

— Eu hoje tenho de ir dar umas voltas, e como é para longe, não voltarei senão segunda-feira.

(Continua na página 6).



A CASA-MALDITA

OU O FARRUSCO o limpa chaminés

: NOVELA INFANTIL:

: Por MARIA ROSA RÉSEDÁ:

: Desenhos de EDUARDO MALTA:

(CONTINUAÇÃO DO NÚMERO ANTERIOR)

Entretanto o alarme havia sido dado no palácio. Alguém, lembrou-se de correr à igreja mais próxima e começou a tocar os sinos a rebate, pondo em sobressalto os pacíficos habitantes da cidade, que, alarmados, julgando tratar-se de algum incêndio, saíram para a rua prontos a acudir.

Rápidamente se propagou pela cidade a notícia do atentado contra o Rei aumentada e deturpada, pois dizia-se que Sua Magestade jazia morto, assassinado à machadada. O povo que idolatrava o seu monarca porque ele era bom e justo, empunhando tochas e archotes, correu em massa ao palácio, aos morras aos assassinios. Neste momento, o Rei, acompanhado por «Farrusco» e por todos os dignatários da corte, assomou ao terraço. Então o povo vendo que o seu bem amado soberano estava são e salvo, prerompeu aos vivas aclamando-o delirantemente.

— Calai-vos por um momento porque Sua Magestade vai falar, gritou o oficial às ordens para a multidão entusiasmada.

Obedecendo à ordem tudo sossegou. Somente, as luzes dos archotes, tremulavam docemente, bafejadas pela branda aragem da noite.

— Bom povo, começou o Rei com voz comovida: — como já deveis saber, uns homens sem escrúpulos nem vergonha, quiseram assassinar o vosso Rei, envenenando para maior segurança os punhais que haviam de servir para praticar tão monstruoso crime!

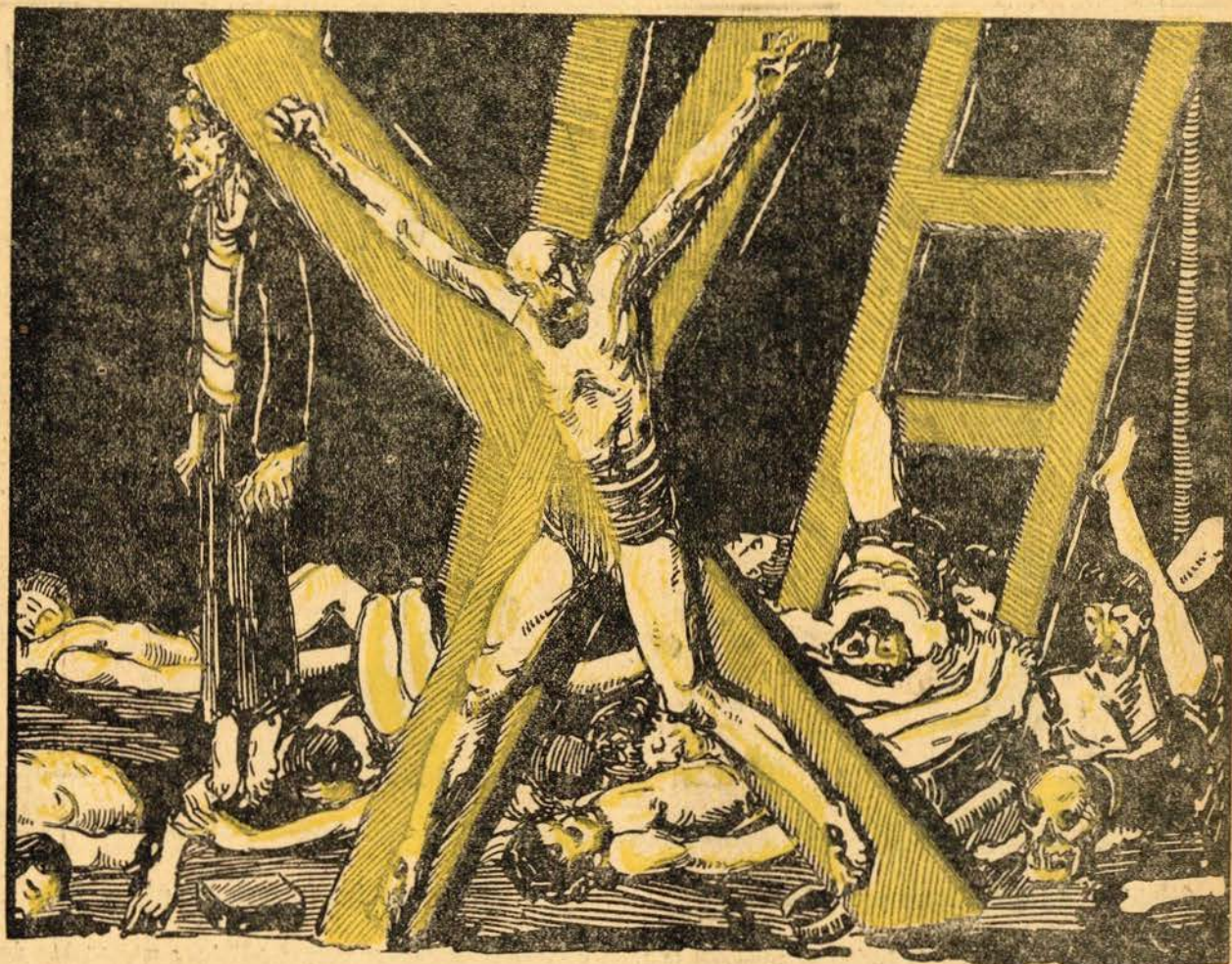
— À morte, à morte! Morram os assassinos!... gritaram milhares de vozes frementes de indignação.

— Mas há mais, continuou o monarca acenando com a mão para que se calassem. Esses quinze homens, comandados por um anão, seu chefe supremo, criatura dos piores instintos, feroz e malvado, autor de crimes sem conto, tinham o seu covil, o seu antro na chamada Casa Misteriosa, num subterrâneo ignorado de todos nós.

Eram eles que faziam de «almas do outro mundo» arrastando correntes, soltando gritos de dor, gemidos aflitivos, enfim todos os mil ruídos que a partir da meia noite se ouviam sempre.



Foram eles que, ajudados por cúmplices espalharam, por todo este reino, que era verdade aparecerem espectros na Casa Maldita, contando coisas horríveis a respeito deles.



Conseguiram atemorizar os habitantes desta cidade, seu único objectivo, para assim poderem praticar à vontade os seus crimes e roubos, seguros de que não seriam incomodados nas suas nefandas proezas. Agora mesmo, se tivessem conseguido assassinar-me como tanto desejavam, a ideia fixa d'esses homens era apoderar-se da cidade incendiando-a e pilhando e massacrando todos aqueles que lhes resistissem. A suprema aspiração do chefe da quadrilha, do Anão Ruivo, era subir ao trono, tornar-se o Rei d'este país. Esqueceram-se, porém, que havia alguém mais poderoso do que eles, alguém que tem o poder de ver tudo sem ser visto, que num minuto pode reduzir a cinzas uma cidade inteira e construir outra no mesmo espaço de tempo.

— Deus!... O Bom Deus velava, protegia-nos e enviou-nos para nos salvar este pequeno limpa-chaminés, esta criança extraordinariamente precoce que, graças à sua valentia, cheio de fé e de esperança, salvou-nos a todos nós, ouvi bem, a todos nós, de uma horrorosa catástrofe.

E o Rei, em simples mas saborosas palavras, contou tudo o que «Farrusco» havia feito. Ao findar a narrativa, abraçou efusivamente o limpa-chaminés e, erguendo-o nos braços robustos, mostrou-o à multidão que delirantemente o aclamou.

* * *

A Casa Misteriosa achava-se brilhantemente iluminada e regorgitava de gente. A estreita rua estava literalmente cheia de povo que, ansiosamente, esperava a saída do terrível chefe da quadrilha.

No quarto das «aparições» «Farrusco» ajudado por alguns soldados arrancou a tampa da barrica onde o anão se encontrava prisioneiro.

Lívido, de olhos esgazeados onde se lia o terror de que estava possuído o terrível facínora, apareceu ante os olhos curiosos e hostis de todos aqueles que ali se encontravam. Livre da mordaça e das cordas que o prendiam, muito encolhido, pois além de tudo mais era cobarde, aguardava tremendo de medo, que os seus justiceiros se pronunciassem.

O enorme topázio de reflexos de fogo, brilhava sinistramente no dedo anelar do bandido. Fixando-o com serenidade, o Rei arrancou-lhe o anel e entregou-o a «Farrusco» dizendo-lhe:

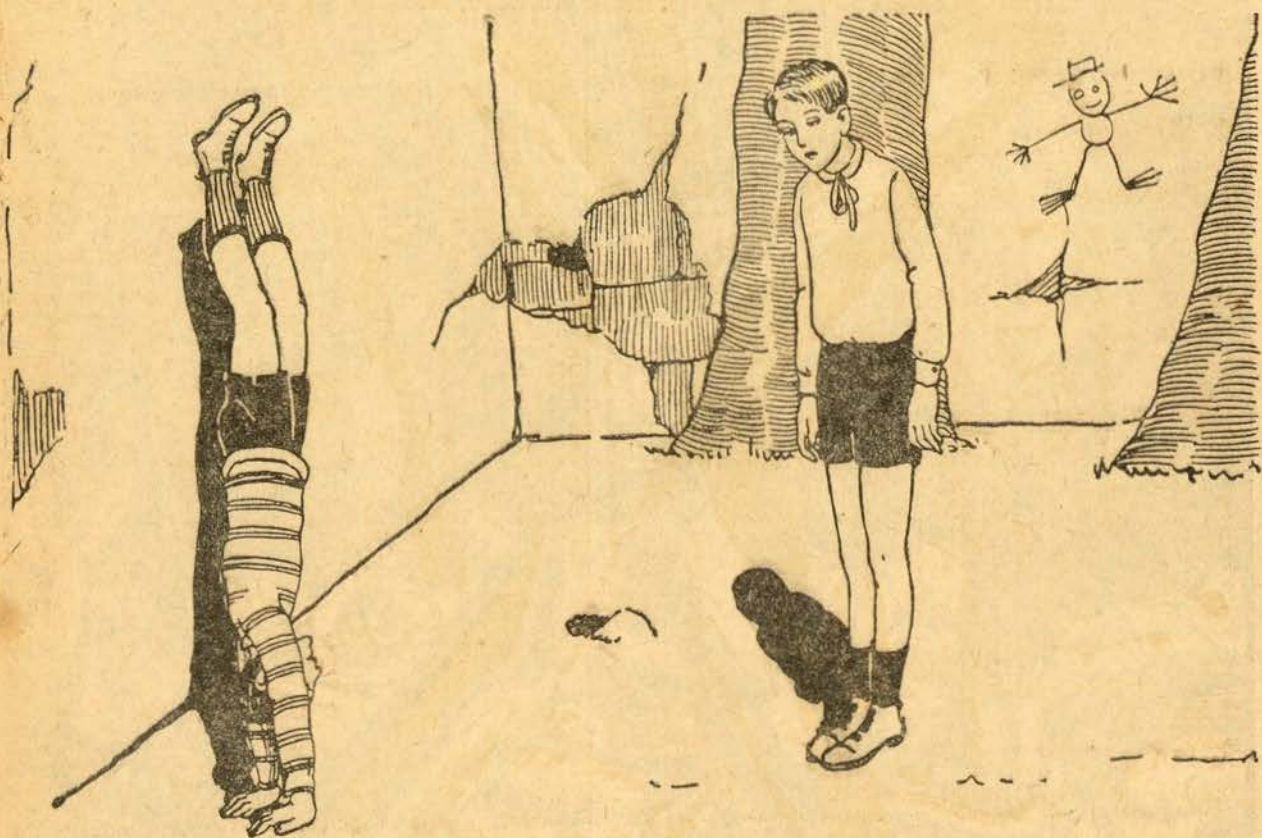
— És tu que deves ficar com êle, criança. Guarda-o como recordação. Agora vamos descer ao subterrâneo; será este patife quem nos guiará.

Um clarão sinistro brilhava nos olhos do anão ao ver-se sem o anel, porém os seus lábios não pronunciaram uma única palavra e ladeado pelos soldados que atentamente o vigiavam, desceu ao subterrâneo como lhe ordenara o Rei. O covil dos ladrões e assassinos continha maravilhas. Móveis riquíssimos e magníficos guarneciam todos os quartos de que se compunha o subterrâneo, produto dos inúmeros roubos praticados durante tanto tempo. Lindas tapeçarias e quadros de grande valor ornavam as paredes forradas de damascos de seda de todas as cores. Os bufetes, e aparadores de mogno e pau santo com embutidos de marfim e madre-pérola, vinham abaixo ao peso de riquíssimas baixelas de ouro e de prata, de cristais, de porcelanas etc., etc., Em uma das salas viam-se três cofres fortes de grandes dimensões. A uma ordem do Rei o anão, mordendo os beiços de raiva, abriu-os. Cada cofre continha uma fortuna. O primeiro e o terceiro abarrotavam de dinheiro em notas, libras em ouro e moedas de prata. O segundo, repleto de joias deslumbrantes.

Continuaram percorrendo a moradia dos bandidos, sempre guiados pelo anão que de quando em vez fechava os punhos num gesto de ameaça e de cólera. Atravessaram um comprido corredor e pararam em frente de um reposteiro de veludo encarnado. Um sorriso diabólico, quasi imperceptível desenhou-se no rosto hediondo do anão, ao contemplar o reposteiro.

«Farrusco» foi o único que deu por isso. Suspeitando de qualquer malvadez, o limpa-chaminés puxou bruscamente o cordão do reposteiro e este, abrindo-se, deixou ver uma

(Ver continuação na ltima página.)



História de dois bons corações

— Continuação da página 3 —

«Tu ficas cá mais o José (o José era o criado da casa, onde habitava só com o Armando e o pai, pois em casa não havia mais ninguém), mas como o José hoje, tem de ir a um mandado, tu ficas cá sozinho.

«Agora vê como te portas,

E ia para sair.

Mas voltou atrás,

— E amanhã, então, se quizeres ir à feira, podes ir, mas já sabes: não te dou dinheiro.

— Deixe lá, meu pai, O dinheiro há-de se arranjar,

O pai saiu, e o José também.

Armando ficou sozinho em casa, e, profundamente triste, foi encostar-se à vidraça da janela que dava para o quintal, onde os galos, galinhas, patos, coelhos, emfim quasi todas as variedades de animais domésticos, passeavam, esvoaçavam e gritavam, numa liberdade doida.

O sol ia descendo e, pouco a pouco, ia-se sumindo no horizonte.

Compassadamente o relógio bateu 8 horas; as trevas iam envolvendo a vila, e como ruído algum se ouvia, dir-se-ia que a própria Natureza estava triste como Armando.

Mas, de súbito, os olhos dêste fitaram com fixidez um ponto: especou, conteve a respiração e, de olhos esgazeados, eis o que viu:

Um pequeno vulto acabava de saltar o muro do quintal e, cautelosamente, olhando para a esquerda e para a direita, avançava para uma das capoeiras.

Esse vulto, oh! êle conhecia-o bem: era Jaime, o seu ex-amigo, aquele que ficara em primeiro lugar no concurso, e por culpa de quem Armando ficara em quinto.

Estes pensamentos, passaram como um relâmpago pela mente do pobre rapazinho, que logo os esqueceu, para só se lembrar, para só reparar que Jaime, que êle sempre conhecera como um rapazinho sério e indigno de tirar a alguém fôsse o que fôsse, se encontrava ali no seu quintal, depois de saltar o muro como um ladrão, e disposto de certo a tirar alguma coisa.

Efectivamente não se enganava: Jaime chegou ao pé de uma das capoeiras, entrou e pouco depois saiu trazendo

debaixo do braço uma enorme galinha, a maior talvez das que lá haviam, e depois de cautelosamente verificar que ninguém o observava — êle não podia ver Armando que se encontrava por dentro da vidraça, porque como Armando tinha as luzes apagadas havia mais claridade no quintal do que dentro de casa — voltou a trepar ágilmente pelo muro, aproveitando com os dois pés, e com a mão que lhe ficava livre, todas as saliências, todas as pedras, tudo emfim quanto pudesse servir para o suster.

Armando ficara estupefacto.

Poderia ter aberto a janela e gritado; seria o suficiente decerto para que o ladrão abandonasse tudo para só pensar em fugir, mas o pobre rapaz, nem forças tinha para se mexer. O que vira ultrapassava tudo quanto aquele pequeno cérebro podia imaginar.

Mas tinha que se render à evidência.

Era bem o Jaime, o mesmo que fôra o seu maior amigo, que era o seu rival lá na escola, o rapazinho inteligente e traquinas é certo, mas dotado de belíssimo coração, e incapaz de praticar uma acção feia que o envergonhasse.

Mas, pelo visto, Jaime mudara, já não era o mesmo.

Nêste momento chegou o José que vinha do recado a que o pai de Armando o enviara.

Armando pensou se deveria ou não contar o que vira, mas por fim resolveu calar-se.

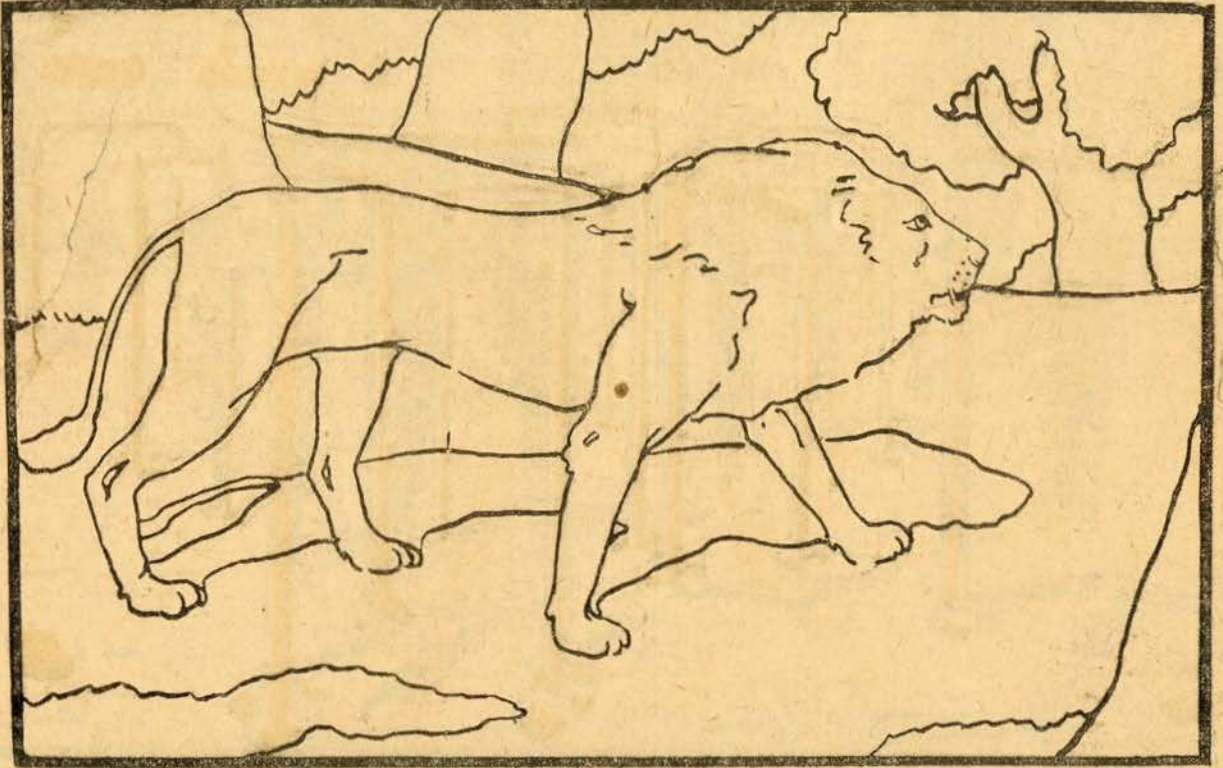
O relógio batia 10 horas.

Armando deitou-se, e, ao fim de muito tempo, lá conseguiu adormecer:

No dia seguinte, o sol entrava alegremente pela janela do quarto de Armando, os passarinhos saltavam de ramo para ramo cantando satisfeitos, como que a saudar a Natureza, agradecendo-lhes aquele sol tão belo e tão rico pois parecia de ouro, quando Armando saltou da cama.

Estavam no domingo; era aquele o dia marcado para a feira e Armando pensava em que se ia divertir esquecendo todas as tristezas que lhe ensombream o coração.

PARA OS MENINOS COLORIREM

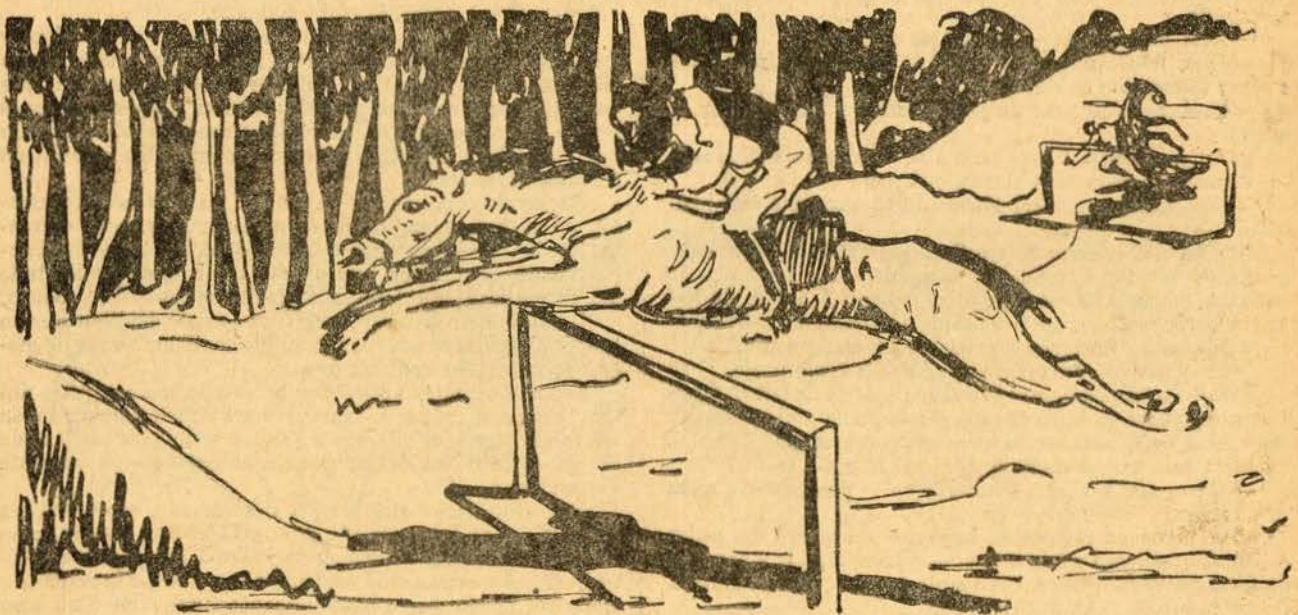


Meus meninos:

Não se esqueçam de comprar o VIII volume da
Biblioteca «P i m - P a m - P u m !»

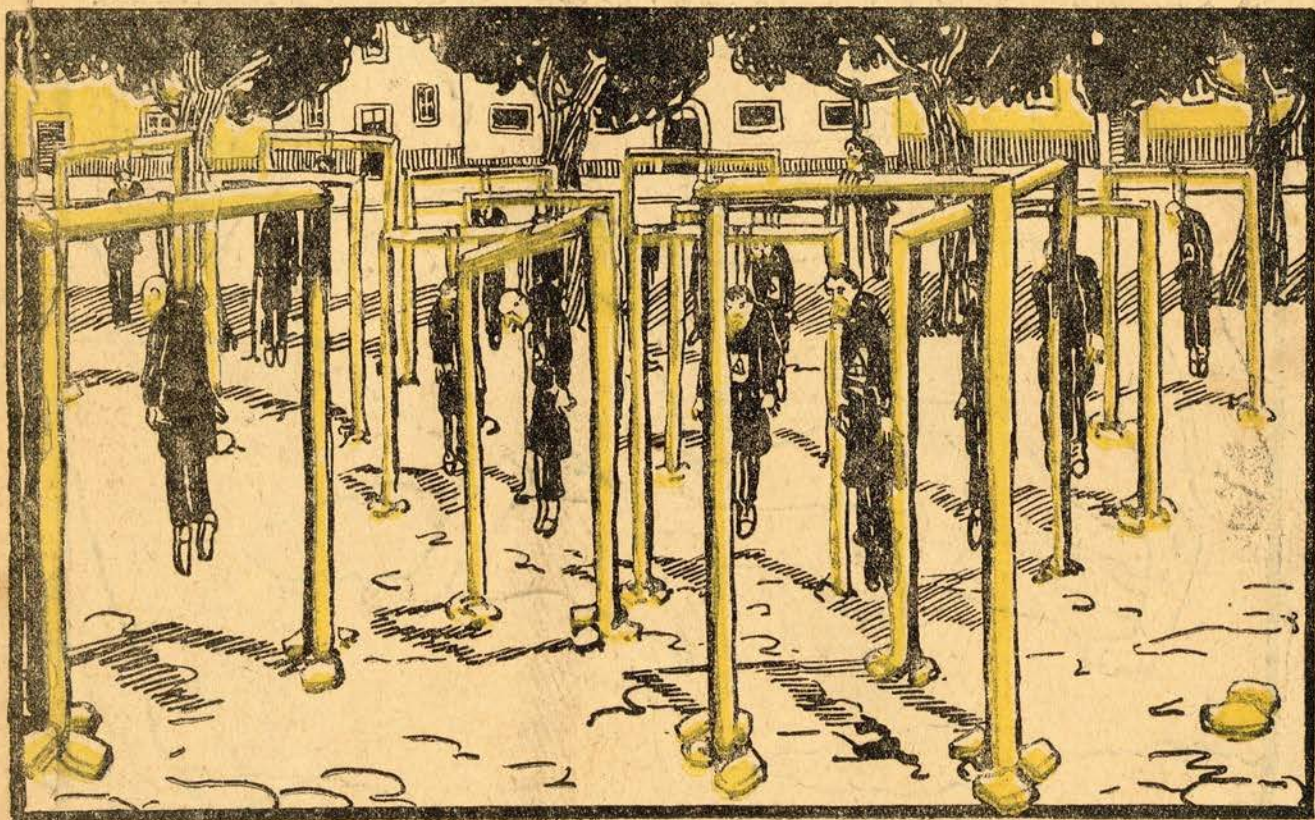
Bébés de Bibe e Babette

Por GRACIETTE BRANCO



Meus meninos:

Vejam se descobrem as feições d'este cavaleiro que vai de cabeça perdida...



A CASA MALDITA

— CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 5 —

porta ondulada toda de ferro. Por cima dela num grande quadro representando o inferno, via-se a figura sinistra da Morte segurando entre os dedos descarnados a tradicional foice roçadeira.

— Abre aquela porta, ordenou o Rei.

O chefe dos bandidos abanou negativamente a horrenda cabeça e não se mexeu do sítio onde estava.

— Não queres então abrir a porta? tornou o soberano muito calmo.

Nova abanadela de cabeça, desta vez mais enérgica, foi a resposta.

— Pela última vez: — recusas ou obedeces?

— Não, não e não. Não abro!... rugiu o facinora, com o olhar flamejante de ódio.

— Está bem. Recusando pronunciaste a tua sentença de morte.

És tu que assim o queres e afinal tens o que mereces.

Virando-se para os soldados, ordenou:

— Acabemos com isto. Matem imediatamente êste bandido.

Os soldados fizeram-no ajoelhar, segurando-o fortemente, enquanto o oficial, erguendo a espada sobre o pescoço do anão, se dispunha a decepar-lhe a cabeça. A ordem do Rei surtiu o efeito desejado. O bandido que tinha um medo horrível de morrer, começou a gritar desesperadamente.

— Larguem-me, deixem-me!... Vou abrir a porta.

Livre, enfim, os dentes entrechocando-se de terror, acrou-se da porta de ferro e, carregando numa mola oculta no roda pé, a porta abriu-se rapidamente, aparecendo outra de madeira com uma fechadura que mal se via.

— Dêem-me o anel, — rouquejou — pois sem êle nada posso fazer.

«Farrusco» entregou-lho. Logo que o teve em seu poder o bandido beijou-o três vezes com visível alegria e pondo-o de novo no dêdo, ficou a contemplá-lo embevecido. Parecia ter-se esquecido que não estava só.

— Então? perguntou o rei, impaciente. Nunca mais te despachas?

O anão estremeceu e, trémulo, tirou da parte de traz do anel uma placã de ouro. Depois virou o topázio para cima

e aquele movimento fez-lhe cair na palma da mão uma minúscula chave doirada. Tornando a pôr a placa no seu lugar entregou de novo o anel ao limpa-chaminés e, metendo a chave na fechadura, deu três voltas.

Silenciosamente a porta girou sobre os seus gonsos. De súbito, um grito de horror saiu de todos os lábios, uma palidez cadavérica cobriu todos os rostos ao mesmo tempo que centenas de olhos apavorados, se fixaram num estranho objecto situado ao centro do aposento. O espectáculo que se lhes deparou era na verdade horrível. Parecia impossível que se pudesse conceber tanta maldade.

O quarto estava todo forrado de negro. Ao meio, estendido sobre um cavalete de tortura, fazia inerte um homem ainda novo sangrando por todos os lados. As mãos e os pés do desgraçado, estavam pregados ao cavalete por compridos pregos de ferro. A cabeça ensanguentada pendia-lhe para um dos lados e nos olhos desmedidamente abertos estavam cravadas duas setas.

Bacias de cobre cheias de sangue, numerosos instrumentos de tortura, membros de corpo humano, grossas correntes, cordas, ossos, caveiras e outros objectos horríveis se encontravam espalhados pelo quarto, emanando daquilo tudo um cheiro pestilento, nauseabundo que se não podia suportar.

O anão parecia deliciar-se com o espectáculo horrórico que proporcionara aos seus inimigos, pois um rictus de alegria selvagem lhe contraía o rosto.

Sorrateiramente, aproveitando o estado de espírito dos seus captivos, preparou-se para fugir. Pouco a pouco foi-se afastando dos seus guardas e quando se julgava já livre de perigo alguém lhe deitou a mão, entregando-o novamente aos soldados.

Era «Farrusco» que, sempre desconfiado, não o perdera de vista um só momento. Aquele incidente, porém, foi o reventar da bomba. Ao horror sucedera a indignação e a cólera. O povo exasperado com tanta malvadez e crueldade e cheio de receio que o bandido conseguisse fugir quiz fazer justiça por suas mãos.

No auge de uma fúria muito justa, atirou-se inesperadamente aos soldados, agarrou o anão e soltando «Morrás» ao assassino, arrastaram-no para a rua.

— CONTINÚA NO PRÓXIMO NÚMERO —